

O Carnaval no Porto nos anos 1950: A ação dos Fenianos

Ana Rita Alves Ferreira

anarita.af13@gmail.com

Resumo

Criado em 1904, o Clube Fenianos Portuenses assumiu-se desde os seus estatutos fundacionais como um clube carnavalesco, acreditando que a dinamização desta festa em particular traria benefícios de maior para a cidade do Porto, nomeadamente para o seu comércio e para a sua indústria. Porém, as tentativas de instaurar um Carnaval civilizado e burguês na cidade do trabalho saíram sempre goradas, muito embora tenham cumprido os seus objetivos, pelo menos momentaneamente. Este artigo tem como objetivo perceber como se desenrolou o último grande esforço feniano neste sentido, entre 1954 e 1957, e quais as suas repercussões e sentidos inerentes. Para tal, analisaremos documentação variada de toda a década e recuaremos aos inícios do século XX, sempre que tal for necessário, para que melhor se compreendam os anos visados.

Palavras-chave: Clube Fenianos Portuenses, Porto, Carnaval, associativismo recreativo-cultural, século XX.

Abstract

Founded in 1904, the Clube Fenianos Portuenses defined itself since its initial statutes as a Carnival club, believing that the promotion of this festivity in particular would bring major benefits to the city of Porto, namely to its commerce and industry. However, the attempts to establish a civilized and bourgeois Carnival in the city of labour have always failed, even though, at least momentarily, they have served their purposes. This article aims to understand the way the last big effort from Fenianos, between 1954 and 1957, evolved and what were its consequences and inherent meanings. To do so, we will analyse diverse documentation from the entire decade and we will go back to the early twentieth century, whenever it is necessary, so that we can have a more profound comprehension of the years in study.

Keywords: Clube Fenianos Portuenses, Porto, Carnival, recreational and cultural associations, twentieth century.

Abreviaturas

AHMP – Arquivo Histórico Municipal do Porto

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

CFP – Clube Fenianos Portuenses

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Introdução

Trabalhar o Carnaval dos Fenianos nos anos 1950 surge como uma opção inesperada mas sem dúvida desafiante. O Clube, fundado em 1904, está ainda em atividade, em plena baixa da cidade do Porto, em instalações próprias, na rua a que deu o nome, o que por si só torna clara a importância que a associação teve em tempos para a nossa cidade, continuando a desempenhar um papel interessante hoje em dia, embora sem a magnitude de outros anos mais recuados – mas desta questão trataremos em seguida. Esta foi uma das razões que nos levou a eleger esta coletividade e não outra das que existiam na cidade e também com grande relevo social. Outras, de carácter mais utilitário, ajudam também a justificar a nossa escolha: referimo-nos ao facto de a sua história (tirando os anos iniciais) ser pouco conhecida pela historiografia e ao facto de existir relativa abundância e diversidade de fontes para este período. Feita uma pesquisa inicial, percebemos desde logo a importância dada ao Carnaval pelo Clube, que foi fundado com o objetivo de impulsionar exatamente esta festa (também pouco estudada para esta época e para este espaço), pelo que se tornou claro qual seria o caminho a seguir.

Embora a bibliografia concernente a este assunto seja escassa, é ainda assim possível identificar algumas obras que se destacam e que, por isso, constituem o Estado da Arte. A principal (e única) autora que trabalhou sobre a coletividade, não se focando apenas na questão carnavalesca, mas realizando um estudo mais lato, foi Sandra Brito, numa dissertação de mestrado em História Contemporânea entregue à nossa faculdade em 2003.¹ Apesar da baliza cronológica ser outra, esta obra revela-se fundamental tanto ao nível dos conteúdos, com a definição de conceitos-chave e de termos específicos da realidade carnavalesca e a fecunda análise de determinadas problemáticas que pretendemos identicamente estudar, como ao nível da metodologia, através da explicação constante dos processos utilizados para a obtenção dos resultados. Revela também grande importância o volume referente aos anexos, principalmente devido à caracterização do perfil socioeconómico dos associados de então, pois tal revela-se útil para aferir da importância e capacidade de ação social do clube. Acompanhando esta monografia, temos ainda dois artigos² da mesma autora, que se interligam com a obra

¹ Sandra Brito, *Clube Fenianos Portuenses: um projeto de civilização, uma busca de projecção*. [Dissertação de mestrado], (Universidade do Porto, 2003). 2 vol.

² Sandra Brito, "O carnaval e o mundo burguês", *Revista da Faculdade de Letras – História*, 3.^a série, 6 (2005): 313-338. Sandra Brito, "Associativismo recreativo-cultural: sentidos de uma prática: o Clube Fenianos Portuenses", *Revista da Faculdade de Letras – História*, 3.^a série, 5 (2004): 75-100.

principal. Isto significa que se por um lado estão diretamente relacionados com o mesmo tópico, por outro têm o mesmo inconveniente temporal. Para tratar a temática do Carnaval de modo geral, são muito importantes as obras de Julio Caro Baroja, *El Carnaval. Análisis histórico-cultural*³, e de Jacques Heers, *Fêtes des fous et Carnavals*⁴, por se referirem ao significado, origem e importância desta festividade e, por isso, estas constituirão o nosso principal guia para abordar o tema, em conjunto com as obras já citadas de Sandra Brito e outras. A obra de síntese de Luís Ramos sobre a História do Porto, em especial a parte da autoria de François Guichard⁵, é, por sua vez, a que mais nos ajudará a perceber o passado histórico em que o nosso objeto de estudo se desenrolou e reveste-se, por isso, de grande relevo.

Deste modo, este artigo tem como objetivo perceber, de um modo geral, as origens e múltiplos significados do Carnaval, o que tentaremos fazer através de uma breve resenha histórica e da definição de alguns conceitos. Depois, importa-nos compreender o papel das associações recreativas e culturais na sociedade portuguesa e concretamente a génese do Clube Fenianos Portuenses. Cruzando estas duas realidades, pretendemos ainda analisar as celebrações carnavalescas promovidas pelo clube ao longo da década, com tudo o que isso implica: perceber como se organizavam os festejos, quais as mudanças de ano para ano – e porque ocorriam, quais eram as motivações por trás de cada evento e a sua importância para o Clube e para a cidade, nomeadamente em relação aos cursos carnavalescos que se realizaram entre 1954 e 1957. É a esta terceira parte, se assim lhe podemos chamar, que dedicaremos maior atenção.

A estrutura do trabalho segue esta mesma lógica e a divisão cronológica foi a que nos pareceu mais adequada aos objetivos propostos, uma vez que, pela análise das fontes recolhidas foi facilmente perceptível a existência de três fases distintas e bem delimitadas ao longo da década (mais que não seja pelo tamanho e pela qualidade da informação das notícias, que varia de duas/três linhas num período inicial e final para duas/três páginas num período intermédio).

São então as fontes que, face à escassez bibliográfica, ajudarão a suportar algumas conclusões. Felizmente, foi-nos possível recolher um conjunto relativamente alargado e variado de documentação histórica. Começámos por recolher todas as notícias referentes ao Carnaval e ao Clube Fenianos presentes na edição matutina de

³ Julio Caro Baroja, *El Carnaval. Análisis histórico-cultural* (Madrid: Taurus Ediciones, 1965).

⁴ Jacques Heers, *Fêtes des fous et Carnavals* (Paris: Fayard, 1983).

⁵ François Guichard, "O Porto no século XX", Luís A. de Oliveira Ramos (dir.), *História do Porto* (Porto: Porto Editora, 2000), 522-637.

O *Comércio do Porto* entre os anos 1950 e 1960. Sabendo que o Entrudo é um feriado móvel, decidimos seguir determinados parâmetros com o objetivo de garantir a uniformidade e o rigor da investigação: para cada ano, foi identificada a data do Carnaval; tendo esta como epicentro, analisámos depois os quinze dias anteriores, com o intuito de encontrar informação relativa aos preparativos das comemorações, e os sete dias posteriores, para perceber as repercussões das mesmas. Deste modo, as fontes hemerográficas revestiram-se de primordial importância, não só pela quantidade como pela qualidade do material recolhido – foram levantadas 215 notícias, das quais 123, isto é 57,2%, estão diretamente relacionadas com o Carnaval dos Fenianos, descrevendo os programas, as atividades e os preparativos para a comemoração desta festa e ainda a celebração em si. Tendo em conta a quantidade das notícias, tornou-se imperativo a sua catalogação consoante o conteúdo e a sua análise através de uma base de dados. Ainda em relação a este tipo de fontes, devemos referir a existência de uma dúzia de recortes de jornal disponíveis *on-line* no AHMP referentes unicamente ao triénio 1954-1956 e retirados dos periódicos *O Primeiro de Janeiro*, *Jornal de Notícias* e *Diário do Norte*, que não serão utilizados pois o seu conteúdo em nada difere dos de *O Comércio do Porto*.

Depois, na BPMP, no AHMP e no Arquivo do CFP, encontrámos documentos únicos e repletos de preciosa informação: referimo-nos aos relatórios de contas de toda a década, a cartazes, fotografias, circulares e folhetos, vários, com dados que confirmam e completam os que já haviam sido retirados das notícias. Destacamos, pela originalidade e surpresa da fonte, os vídeos cedidos pelo Clube, relativos aos cortejos de 1954-1957, maioritariamente a cores e alguns até com locução.

Na Biblioteca da FLUP, onde temos disponível praticamente na íntegra a coleção da célebre revista *O Tripeiro*, selecionámos alguns artigos, algo parcos em informação, como é natural neste tipo de fonte, mas ainda assim úteis sobretudo para contextualizar a origem do Clube.

Por fim, como complemento deste acervo documental mais tradicional, recorreremos também às fontes orais, através de quatro entrevistas realizadas a duas senhoras e a dois senhores entre os 66 e os 84 anos, que nos deram o seu testemunho e a quem muito agradecemos a disponibilidade e, principalmente, o material que nos forneceram com toda a amabilidade, dos seus arquivos pessoais.

1. Enquadramento histórico e teórico-conceptual

1.1. O Carnaval: breves considerações históricas

O Carnaval é o período de três dias que antecede a Quaresma e cujos festejos culminam na Terça-Feira Gorda, para imediatamente a seguir, na Quarta-Feira de Cinzas, se iniciar o período de quarenta dias de penitência até à Páscoa. A sua origem, tema de variados trabalhos, é remota e não muito precisa. Porém, parece ser comumente aceite que o atual Carnaval é mais uma das muitas heranças deixadas pela civilização greco-romana, sendo descendente das dionisíacas gregas, das bacanais romanas, das saturnais e das luperciais⁶, que

[...] se caracterizavam como sendo um período de completa liberdade licenciosa, durante o qual tudo era permitido, o curso normal da vida suspenso e transtornados radicalmente os quadros sociais; a festa e a orgia eram permanentes, e desaparecia a distinção entre senhores e escravos.⁷

Estas celebrações, que tinham lugar no inverno ou no início da primavera, são de origem pagã e pecavam pelo excesso comportamental, pelo que aos olhos dos cristãos que emergiam então eram vistas como algo errado. A Igreja, inicialmente, combateu-as mas, numa segunda fase, começou a absorvê-las e a adaptá-las, transformando-as segundo os seus valores e usando-as em seu favor, em representações bíblicas, em procissões, em cerimónias públicas que visavam a conversão dos pagãos mas que se revestiam de um carácter carnavalesco, com a utilização de máscaras mesmo pelos padres e freiras, como explica Sandra Brito.⁸

Face a esta folia excessiva para as celebrações religiosas, Roma tentou proibir as manifestações profanas durante a Idade Média e, assim, evitar a carnavalização do culto. "No entanto, por esta altura muitas dessas manifestações haviam já sido associadas (absorvidas) pelas comemorações de carácter profano, nas quais o riso e o grotesco vão encontrar refúgio durante algum tempo"⁹, refere a mesma autora. Foi tendo isto em conta que, entre o século XV e o XVI, o Papado tomou uma série de medidas

⁶ Brito, *Clube Fenianos*, II, 7.

⁷ Ernesto Veiga de Oliveira, *Festividades cíclicas em Portugal* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984), 38.

⁸ Brito, *Clube Fenianos*, II, 8.

⁹ Brito, *Clube Fenianos*, II, 8.

nas quais reconhece o Carnaval, o insere no seu calendário e, mais, o incentiva.¹⁰

Assim, percebemos as palavras de Caro Baroja:

Porque el Carnaval (*nuestro* Carnaval), quiérase o no, es un hijo (aunque sea hijo pródigo) del cristianismo; mejor dicho, sin la idea de la Cuaresma («Cuadragésima»), no existiría en la forma concreta en que ha existido desde fechas oscuras de la Edad Media europea.¹¹

Hoje, podemos então dizer que o Entrudo se reveste de um duplo significado: o pagão, que se pode entender na sua faceta de "válvula de escape", para utilizar a expressão de Aurélio Lopes¹², da vida diária, uns dias em que todos os excessos são mais ou menos permitidos e a liberdade se transforma, por vezes, em libertinagem; e o cristão, medieval, que soube adequar estas características aos seus interesses e que sobre esta folia despreocupada colocou o peso do "adeus à carne"¹³, sendo este período igualmente o da "introdução funcional à austeridade quaresmal".¹⁴

A comemoração do período foi variando ao longo dos séculos, mas manteve-se até aos nossos dias e trouxe consigo tradições ancestrais. Heers explica porquê:

[...] le folklore est sans doute, de toutes les manifestations d'une culture, celle qui résiste le mieux aux dégradations du temps et à la marque des chefs. Dans le champ proprement religieux, nous savons que plusieurs cultes de saints, héros de la foi, reprennent les lieux et même quelques formes de pratiques très anciennes, païennes si l'on veut, profondément enracinées, surtout lorsqu'elles s'attachent au culte des saisons.¹⁵

Ao Entrudo mais tradicional, o dos caretos, da festa popular desordenada e dos grandes repastos à base de carne de porco¹⁶, opõe-se o Carnaval dos Fenianos, importado, burguês, criação do século XIX, que reflete as suas preocupações modernas e visa impor um certo modelo social. O primeiro, caracterizado pelo enterro do João (Entrudo), ainda com comportamentos pagãos e extremamente simbólico, foi o único

¹⁰ Em 1464, o papa Paulo II patrocinou uma festa nos dias anteriores à Quaresma, com todo o tipo de divertimentos. Em 1545, o Concílio de Trento reconhece a importância do Carnaval. Em 1582, o papa Gregório XIII estabeleceu o Carnaval de forma definitiva, aquando da reforma do calendário Juliano (apesar de já no século VI o papa Gregório I ter regulado as suas datas). Brito, *Clube Fenianos*, II, 8.

¹¹ Caro Baroja, *El Carnaval*, 26.

¹² Aurélio Lopes, *A Face do Caos. Ritos de subversão na tradição portuguesa* (Alpiarça: Garrido Artes Gráficas, 2000), 27.

¹³ *Carnaval*. Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2016.

¹⁴ Lopes, *A Face do Caos*, 66.

¹⁵ Heers, *Fêtes des fous*, 26-27.

¹⁶ Sobre este, que não abordaremos em pormenor, ver as obras etnográficas de Aurélio Lopes, de Ernesto Veiga de Oliveira e o artigo de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

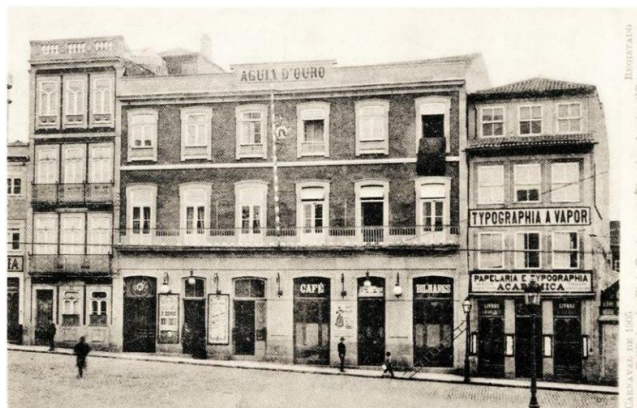
em todo o país até ao século XIX, apenas com pequenas variações regionais, e contribuía grandemente para a coesão da aldeia. O segundo, por sua vez, que começa a surgir já nos finais de Setecentos em Lisboa, preserva as distâncias sociais e sai da rua para o interior de recintos próprios, por influência estrangeira: "A civilização vinha do exterior; para as práticas carnavalescas, Paris e Nice eram os locais mais citados."¹⁷ É sobre este, mais elitista, que adiante nos debruçaremos, mantendo, no entanto, esta dualidade sempre presente.

1.2. Os Fenianos: origem de um clube centenário

O Clube Fenianos Portuenses, "um dos símbolos mais prestigiados da animação recreativa da cidade"¹⁸, foi fundado a 25 de março de 1904, há já 112 anos, na Praça da Batalha¹⁹, com o lema "Pelo Porto".

No romper do novo século, já o associativismo recreativo-cultural era uma realidade na cidade, com outros clubes já há muito enraizados – Sandra Brito destaca a fundação do Clube Portuense em 1857 e a do Ateneu Comercial do Porto em 1869, "associações recreativo-culturais de grande importância, polarizadoras da boa sociabilidade portuense, e que o recém-nascido

Imagem 1. Sede do clube aquando da sua fundação



Fonte: "Carnaval de 1905: edifício do Clube Fenianos e Teatro Águia d'Ouro". Porto: BPMP, D-PST/471, Série "Carnaval de 1905", 1.

Clube Fenianos Portuenses teria que enfrentar"²⁰ – e outros que agora se criavam. Este movimento de multiplicação de clubes ou círculos não é, aliás como podemos detetar por estas designações, alheio à restante Europa e denota as influências francesas e inglesas²¹ que se faziam sentir em território nacional. Depois, estas associações

¹⁷ Maria Isaura Pereira de Queiroz, "O Entrudo, antigo Carnaval português" (Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia/INIC, 1989), 647.

¹⁸ Guichard, "O Porto", 630.

¹⁹ Aquando da sua fundação, o Clube Fenianos situava-se no 1.º andar do edifício do Teatro Águia d'Ouro. Só mais tarde, em 1935, se mudou para a atual sede, junto da Câmara Municipal do Porto.

²⁰ Brito, *Clube Fenianos*, I, 32/33.

²¹ As influências inglesas faziam-se sentir, mais do que em todo o país, no Porto, onde a comunidade britânica era numerosa e influente, e ainda por motivos históricos ligados ao Vinho do Porto, por exemplo.

desempenhavam um papel importante na proliferação e discussão dos novos ideais que surgem e agitam os finais do século XIX e os inícios do século XX, como o republicanismo e o socialismo²², e pretendiam importar novos costumes e formas de sociabilidade, modernizando a sociedade portuguesa segundo os interesses de uma classe cada vez mais forte e rica: a dos comerciantes e industriais que buscavam poder e formas de intervenção social²³, o que explica igualmente o crescente número de associações do género. Não é de espantar, pois, que a sua ação se refletisse em termos políticos, económicos, sociais e culturais.²⁴

Foi neste contexto que surgiram os Fenianos²⁵, com a intenção de dinamizar o Carnaval portuense. Não foi o único clube com este fim, mas distinguiu-se pela sua duração, pois o comum era que estas sociedades, fundadas em função de alguma festividade, terminassem pouco tempo após a realização da mesma²⁶. Reunidos no Café Porto-Clube e no Café Chaves, por volta do Carnaval de 1904, dois grupos de amigos, personalidade influentes – como aliás sempre o foram os seus membros²⁷ –, tiveram a ideia semelhante de criar um clube diferente dos já existentes, enquanto discutiam o estado do Carnaval atual. Logo que souberam que os projetos eram parecidos (o meio era relativamente pequeno e estes círculos restritos, pelo que tudo se sabia rapidamente), reuniram-se e tomaram a decisão de criar, em conjunto, uma associação carnavalesca que tivesse em vista, nomeadamente, o desenvolvimento comercial da cidade.²⁸ Deram-lhe nome, estabeleceram o valor da joia e das quotas,

²² Segundo os Estatutos dos Fenianos, eram proibidas as discussões políticas no seio do clube (embora existissem), que se pretendia neutro em matérias do género. Porém, a sua ação, os seus símbolos e o próprio Carnaval "civilizado", "burguês", que importaram depressa tornaram clara a sua simpatia, expressa principalmente através dos seus dirigentes, face ao republicanismo. Não sendo nosso objetivo abordar este tema, pese embora o seu interesse, deixamos a sugestão de consulta do seguinte artigo sobre o assunto: Brito, "Associativismo", 75-100.

²³ Brito, *Clube Fenianos*, I, 34.

²⁴ Para melhor perceber como o associativismo constituiu "uma maneira específica de [o Porto] se exprimir", assim como a sua importância a nível político, económico, social e cultural para a cidade dita do contrapoder, recomendamos a leitura das páginas referentes às "Formas de Sociabilidade", em Guichard, "O Porto", 629-633.

²⁵ A palavra "Fenianos" refere-se a uma associação revolucionária irlandesa do século XIX contra o domínio inglês. Porém, não foi por essa razão que o clube foi nomeado assim, senão pelo facto de, no Brasil, boa parte das coletividades carnavalescas ter no seu nome esta designação. Os *Fenianos*, Clube Fenianos Portuenses.

²⁶ Disso foi exemplo o Clube dos Tenentes do Diabo, "fundado na década de 80 do século XIX, mas sucumbindo supostamente por dificuldades económicas". Brito, *Clube Fenianos*, I, 33.

²⁷ Referimo-nos a industriais, negociantes, banqueiros/capitalistas, engenheiros, médicos, militares, artistas, advogados/juízes, entre outros, pessoas com formação e contactos importantes em todos os campos da sociedade portuense. Para mais informação, consultar o Anexo E – "Associados do Clube Fenianos Portuenses" em Brito, *Clube Fenianos*, II, 125-155.

²⁸ Brito, *Clube Fenianos*, I, 34/35.

entre outras formalidades, e decidiram alugar o 1.º andar do Águia d'Ouro, tudo em poucos dias do mês de março, como relata Horácio Marçal.²⁹ Os seus estatutos, aprovados pelo Governo Civil a 17 de junho de 1904, são claros:

Com o título de Clube Fenianos Portuenses é instituído nesta cidade um clube, o qual tem por fim especial o rejuvenescimento do Carnaval, assim como quaisquer outros festejos que a direção entenda, devidamente autorizados, que interessem não só à cidade, como ao comércio em geral [...].³⁰

O primeiro Carnaval festejou-se logo em 1905, com uma grandiosidade incomum e que, por isso, marcou. Os cortejos mantiveram-se até 1909, realizados "com tal magnificência e arte que a sua fama ecoou para lá das fronteiras, depois de haver eletrizado o país de ponta a ponta"³¹, e contaram com a ajuda de variados artistas de renome, como Rafael Bordalo Pinheiro e Teixeira Lopes. Depois, por motivos alheios aos membros dos Fenianos, os festejos na rua terminaram, para serem retomados no ano de 1939, apenas. Passados 15 anos, de novo grandes festas – as que nos propomos estudar –, entre 1954 e 1957. Nos inícios dos anos 1980, por fim, fizeram-se ainda "mini cursos", a última tentativa de reavivar o Carnaval até hoje.

Mas durante todos estes anos, a sua ação não esmoreceu e o clube teve uma relevante ação para a cidade e não só: pressionou o poder político para que abolissem as portagens da ponte Luís I e para que ligassem as duas margens com transportes elétricos, contribuiu para tornar realidade o descanso dominical, ajudou por diversas vezes, através da organização de sarau e festas, diferentes povoações ou associações portuguesas necessitadas e conseguiu, juntamente com outras instituições, o ressurgimento da revista *O Tripeiro*, em 1960, entre muitos outros feitos que aqui poderíamos enumerar.³² Para além disto, devemos também destacar as conferências que promoveu sobre os mais variados temas, proferidas por especialistas nacionais e estrangeiros, e os grupos que criou ao longo dos anos: Grupo de Teatro Moderno, Grupo Coral ou Clube Ilusionistas Fenianos, entre outros.

²⁹ Horácio Marçal. "A Praça da Batalha II (Conclusão)". *O Tripeiro*, 10, 1958, 300-301.

³⁰ Art. 1.º – Estatutos CFP de 1904. ADP, Cit. 101, Maço 150. Citado em Brito, *Clube Fenianos*, I, 36.

³¹ "Pelo Porto: Fundou-se há 50 anos o Clube Fenianos Portuenses". *O Tripeiro*, 10, 1954, 343.

³² Para mais pormenor sobre a ação do clube, cf. "Pelo Porto", 343-344; A. Esteves Marques; Mário Norton, *Carnaval dos Fenianos de 1954*. [Folheto], (Porto: CFP, 1954); Acácio Tavares, *O Clube Fenianos Portuenses e a sua obra – Conferência realizada no Clube Fenianos Portuenses, em 18 de Março de 1968 e integrada no ciclo comemorativo do 64.º aniversário do Clube* (Porto: Liga Portuguesa de Profilaxia Social, 1970).

Hoje, a instituição depara-se com a falta de associados (cerca de 400), com a dificuldade em atualizar um clube centenário de modo a torná-lo atrativo para o público mais jovem e com a necessidade de restaurar grande parte do edifício sem os apoios necessários.³³ Apesar da sua localização central e do seu edifício imponente, de ter recebido as distinções de Instituição de Utilidade Pública, de Comendador da Ordem Militar de Cristo e a Medalha de Ouro da Cidade, o clube passa despercebido e não é sequer conhecido por grande parte da população portuense mais jovem. É nosso dever, por isso, dar a conhecer este pedaço da história da cidade e não o deixar morrer.

2. Um Carnaval "quase irreconhecível" (1950-1953)

No romper da década, vivia-se no país um ambiente de desalento e de pessimismo geral, fruto da ordem mundial e nacional, com o fim da II Guerra Mundial ainda bem presente e os seus efeitos cada vez mais nítidos, que se refletia diretamente no festejo do Carnaval: "Os sucessivos fenómenos – chamemos-lhes assim – de ordem política e social que se vão operando no Mundo, predispõem os espíritos para a sisudez permanente, numa condenação formal do bom-humor".³⁴ Aliás, este sentimento não era único em Portugal nem apenas de agora: "En efecto, se comprueba que la sensación de que el Carnaval estaba en decadencia y aun muerto la tenían ya bastantes personas durante las dos primeras de este siglo".³⁵

O Carnaval do Porto, pelo que nos foi possível observar nos recortes de jornal, não ficou indiferente. Nestes, a palavra "decadência" surge constantemente e a saudade do passado é recorrente. As comparações entre o Carnaval de "hoje" e o de há 50 anos são frequentes e titulam grande parte das notícias sobre o tema, sempre preterindo o atual: fechado, comedido, estrangulado pelos preconceitos, feito unicamente para as crianças. Estima-se a liberdade de antigamente, num tempo de alvoroço político e social, fruto do advento do republicanismo que punha em causa o regime em vigor, a loucura da folia que chegava a passar os limites, a falta de preocupações, quando "não era ainda conhecido o racionamento e também nada se sabia a respeito de restrições, condicionamentos, preconceitos e higiene".³⁶ Nestas críticas escondem-se pontualmente algumas expressões soltas contra o regime e, mais abertamente, outras

³³ "Clube Fenianos Portuenses: Uma instituição de respeito que, em renascimento, prepara-se para fazer reviver o melhor do seu passado...", *Etc e Tal*, 01/03/2013.

³⁴ "Terça-feira de Entrudo". *O Comércio do Porto*, 56, 26/02/1952, 1.

³⁵ Caro Baroja, *El Carnaval*, 25.

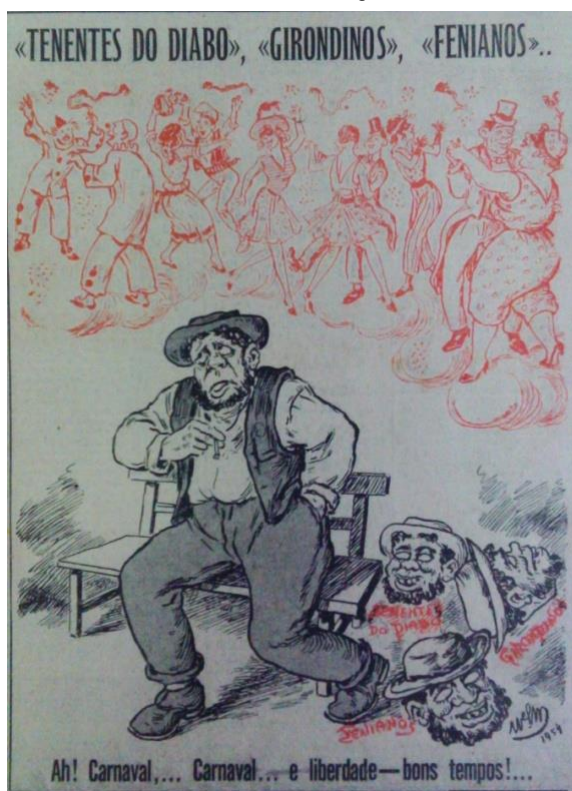
³⁶ "Do Entrudo ao Carnaval". *O Comércio do Porto*, 49, 20/02/1950, 2.

que demonstram o receio face à situação internacional de Guerra Fria (questão bem visível nas caricaturas). Ainda assim, o tríduo em que o Momo reinava era muito querido pela população, pois era nestes dias que se esqueciam momentaneamente os problemas diários e se reavivava a esperança num tempo melhor. O Carnaval de então continuava a representar, embora sem a grandiosidade e os excessos do início do século, um tempo de festa e diversão, ainda que a sobriedade dominasse.

Nas ruas, a vigilância policial não permite, como em tempos idos, as liberdades inerentes; mas, nos bailes públicos, os foliões entregam-se ao entusiasmo, envolvidos no turbilhão das danças frenéticas, ao som estridente dos compassos musicais, esquecidas as preocupações e tristezas, e dominando, apenas, o desejo de gozar. Não condenamos, evidentemente, este hábito que vem de longe. [...] Principalmente agora, com as nuvens negras que continuam a acumular-se, prenes de tremendas ameaças, e com o futuro tão incerto, a movimentação destes três dias representa ótimo e sadio derivativo, para aligeirar humores e desanuviar o cérebro. Tristezas não pagam dívidas, diz o rifão, e, por isso mesmo, os pobres mortais abrem parêntesis nos seus cuidados e entregam-se, com armas e bagagens, à influência alegre do Carnaval... Muito embora, chegados à Quarta-Feira de Cinzas recaiam, verticalmente, na situação anterior e tenham de carpir mágoas e saudades, batendo no peito o «mea-culpa» do arrependimento.³⁷

Um dos aspetos mais referidos, nesta constante comparação entre o Carnaval "dos nossos avós", como os escritores da época comumente se referem às festas carnavalescas do rasgar da centúria, e o do seu tempo, é o facto de as celebrações acontecerem, agora, isto é, em meados do século, unicamente em espaços fechados: clubes de todo o tipo, teatros, cinemas, a nave do ainda Palácio de Cristal. Hoje como ontem, o Carnaval festejava-se nestes espaços e, dentro de portas, tudo se mantinha mais ou menos igual. As motivações eram as mesmas e os resultados invariáveis. A grande diferença encontra-se na rua, onde agora já não se festeja o Entrudo. Não há sinais

Imagem 2. O símbolo do Zé Povinho recorda com saudade os carnavais antigos



Fonte: *O Comércio do Porto*, 60, 02/03/1954, 1.

³⁷ "Domingo Gordo". *O Comércio do Porto*, 48, 19/02/1950, 1.

desta festa senão pontualmente pelas crianças que passam fantasiadas pelas mãos dos pais em direção a estes espaços onde se realizavam, normalmente, *matinéés infantis* com direito a prémios para as fatiotas mais bonitas e originais e distribuição de brinquedos a todas as crianças. As crianças representam, para a maior parte dos autores de então, o único apontamento de graça de um Carnaval em decadência e que deixou praticamente de ser celebrado pelos adultos: "E nas ruas só as crianças dão a nota alegre e colorida, própria da quadra carnavalesca, encadernando as suas ilusões com fatos de fantasia que as faz vibrar de contentamento."³⁸ Emílio Castelo Branco, porém, refere-se às mesmas com algum desdém, detetável pela utilização dos diminutivos, como podemos verificar no excerto bastante crítico (do próprio regime, ao referir-se aos editais) que se segue:

Há certa diferença entre o Entrudo antigo e o moderno. O antigo era adulto e de se ver, isto é: fazia-se de pessoas maiores e vacinadas e andava na rua. Esse foi indo abaixo a golpes de editais e morreu ou anda fugido, por onde não o levem para o Aljube. O moderno é cranceiro e de exibição privada, isto é: faz-se de meninos e meninas que os paizinhos e as mãezinhas transformaram à sua fantasia e levam a tirar prémios em exposições – e a apanhar as suas pneumoniazinhas.³⁹

Na verdade, as disposições legais sobre os folguedos carnavalescos (Edital do Governo Civil do Porto, 15/01/1947), a que o autor se refere, publicadas por altura do Entrudo em *O Comércio do Porto*, são claras quanto aos festejos na rua (e a outros que mais tarde abordaremos):

Art.º 1.º – Apenas são permitidos os bailes, jogos e folguedos carnavalescos nas casas de espetáculos e recintos a tal fim destinados ou em casas particulares, depois de obtida a respetiva licença. [...]
a) – Pelas infrações do disposto no corpo do art.º 1.º, multa correspondente a três vezes a taxa devida, até ao máximo de 500\$00, acrescida de um terço de cada reincidência;⁴⁰

No entanto, se a ideia de que o Entrudo está morto e desinteressante, fruto das dificuldades que o mundo e as pessoas atravessam no seu dia-a-dia, do endurecimento do regime que constrange os festejos e da própria mudança do paradigma familiar, como apontado por Maria de Carvalho⁴¹, parece ser a mais comum, há também vozes

³⁸ "O Carnaval e as crianças". *O Comércio do Porto*, 34, 05/02/1951, 1.

³⁹ Emílio Castelo Branco. "Há mais de sessenta anos. O Entrudo". *O Comércio do Porto*, 47, 18/02/1950, 1.

⁴⁰ "As disposições legais sobre os folguedos carnavalescos". *O Comércio do Porto*, 43, 13/02/1952, 5.

⁴¹ "Nesse tempo, filhos e pais, entravam nas mesmas festas, assistiam aos mesmos bailes e a presença de uns e de outros era uma garantia. Agora não. Os filhos vão para um lado e os pais

que preferem este novo Carnaval, mais refinado e civilizado, que soube acompanhar a transformação dos tempos. Porém, um aspeto parece ser transversal: todos lamentam que, juntamente com o Carnaval antigo, tenham desaparecido também os cortejos dos Fenianos e dos Girondinos, não raras vezes associados à maior liberdade daquela época: "Desse Carnaval de ontem pena é que tenham desaparecido as festas sumptuosas promovidas pelos «Clubes Fenianos» e «Girondinos», que atraíam à capital nortenha milhares e milhares de forasteiros."⁴²

É certo que o Carnaval dos Fenianos (iremos focar-nos apenas neste, por motivos já enunciados) representava, na primeira década do século XX, um grande acontecimento, com os seus cursos vistosos e elegantes, rodeados de "pompa e circunstância". Segundo Sandra Brito, "o Clube Fenianos Portuenses [...] conseguiu o fim de um Carnaval qualificado [pela imprensa] de *moribundo* e o nascimento de um outro, o Carnaval *Civilizado* ou *Moderno*"⁴³, e os próprios acrescentam: "Sim, que o Carnaval nasceu por obra dos Fenianos para substituir o Entrudo grosseiro, porcalhão e maltrapilho, às vezes, até imoral".⁴⁴ Mas no início dos anos 1950, este surge-nos "quase irreconhecível", praticamente incógnito no meio de tantos outros carnavais, alguns muito mais afamados então (o Carnaval do Palácio, por exemplo, sempre muitíssimo concorrido). Os seus bailes e as suas tardes dedicadas aos mais novos continuam a revestir-se de bastante brilhantismo e a contar com a participação dos seus numerosos associados⁴⁵ e respetivas famílias, mas não podemos sequer comparar estes festejos com os do início do século XX: "Os homens do Porto, naquela quadra, chamavam-se Fenianos. Penso que não tinham outro nome. Em casa e na rua, só se falava neles como heróis. Essa glória, efémera para o mundo, não o foi para mim. Guardo-a indelével no meu toutiço."⁴⁶, refere João de Araújo Correia ao recordar a sua vinda ao Porto, em criança, para assistir ao Carnaval de 1905.

para outro e cada um *vive a sua vida*". Maria de Carvalho. "Mulheres e Crianças. Carnaval". *O Comércio do Porto*, 56, 26/02/1952, 2.

⁴² Maria Manuel. "O Carnaval no Porto de ontem e de hoje". *O Comércio do Porto*, 45, 15/02/1953, 3.

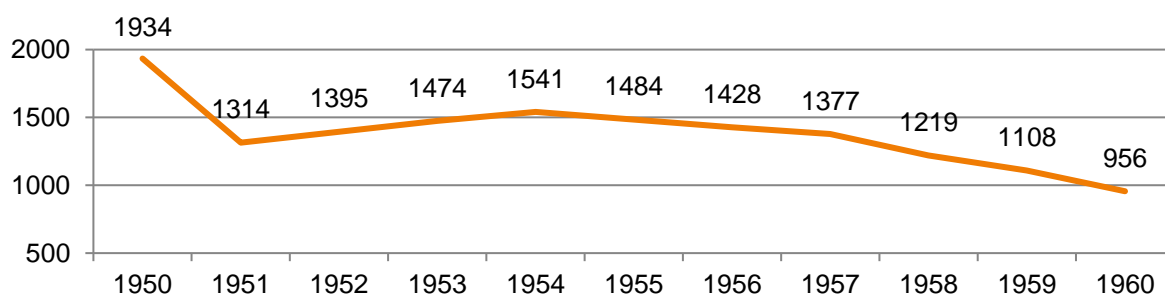
⁴³ Brito, *Clube Fenianos*, I, 97. Esta questão sobre a imprensa e os valores burgueses que a mesma veiculava na viragem do século, criticando o Carnaval incivilizado e defendendo um novo mais regrado e previsível, encontra-se bem patente em Brito, "O carnaval", 313-338.

⁴⁴ *Circular n.º 8*. Porto: CFP, 1957, 1.

⁴⁵ Cf. gráfico 1.

⁴⁶ João de Araújo Correia, "Carnaval dos Fenianos", *O Porto do meu tempo* (Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2000), 44.

Gráfico 1. Movimento de associados do Clube Fenianos Portuenses (n.º total em cada ano) entre 1950 e 1960



Fonte: *Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal*. Porto: CFP, 1950-1960.

Nos quatro anos que agora analisamos, o plano de atividades pouco variou.⁴⁷ Em 1950 e 1951, temos registo de três bailes de Carnaval (sábado, segunda e terça-feira), um dos quais, o segundo, é formal, ou seja, de traje de cerimónia, e ainda um baile da Pinhata, no sábado seguinte. No domingo à tarde, a tradicional *matinée infantil*, iniciativa que se irá realizar ao longo de toda a década, com brinquedos e merendas para todas as crianças e prémios às melhores fantasiadas (em número variável de ano para ano mas com igualdade entre meninos e meninas), segundo um júri constituído por senhoras da sociedade portuense. No ano seguinte, por sua vez, face à crise financeira que o clube enfrentava, o número de festas foi reduzido. Eliminou-se o baile de cerimónia (habitualmente no dia anterior à Terça-feira Gorda) e o baile da Pinhata, com a seguinte justificação:

O saldo negativo (como é normal), da rubrica Festas, Solenidades e Cultura sobe de 1948 para 1949. Em 1950 desce 4 contos, em 1951 desce 8 contos e desce ainda mais 10 contos em 1952. A necessidade de se fazer decrescer este número é uma das razões porque houve que selecionar as festas, optando pela realização das que interessam maior número de Associados com menos dispêndio.⁴⁸

Em 1953, retomam-se os três bailes, mas seguindo um esquema ligeiramente diferente: dois nos dois sábados anteriores ao Carnaval e um no próprio dia, já sem distinção entre baile à vontade ou formal, como se faria de ora em diante. Tanto os bailes como as *matinéés*, destinadas apenas aos filhos dos associados, enchem os salões do clube e eram animados por várias bandas nacionais e estrangeiras (espanholas e francesas) e, por vezes, orquestras. As tardes dedicadas à meninice contavam também com divertimentos adequados à sua idade, com palhaços e

⁴⁷ Cf. quadro 1.

⁴⁸ *Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal*. Porto: CFP, 1952, 10.

ilusionistas. Já os bailes, sujeitos a inscrição, segundo *O Comércio do Porto*, duravam até ao "alvorecer do dia seguinte".⁴⁹

Os bailes para adultos e para crianças, gratuitos, vão sempre representar, ao longo de toda a década, parte importante da história carnavalesca da agremiação, pelo seu "desusado brilho"⁵⁰ e grande afluência, e vão se manter mais ou menos inalterados com o decorrer do tempo, de tal modo conseguida a fórmula de sucesso. Não obstante, são os corsos – os tais cujo fim as pessoas lamentavam – que se vão destacar a partir de 1954, para gáudio do povo portuense.

Imagem 3. Crianças fantasiadas na *matinée* infantil do Clube Fenianos Portuenses



Fonte: "O Entrudo de ontem e de hoje...". *O Comércio do Porto*, 55, 25/02/1952, 1.

Imagem 4. Os Reis do Carnaval no baile de 1955



Fonte: *Carnaval dos Fenianos*. [Suporte vídeo]. Porto: CFP, 1955.

⁴⁹ "No Clube Fenianos Portuenses". *O Comércio do Porto*, 51, 23/02/1950, 3.

⁵⁰ "No Clube Fenianos Portuenses". *O Comércio do Porto*, 47, 17/02/1953, 6.

Quadro 1. Plano de atividades carnavalescas promovidas pelo Clube entre 1950 e 1960

	Sábado	Domingo	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Sábado
1950			18/02 Baile	19/02 Matinée infantil	20/02 Baile Formal	21/02 Baile	25/02 Baile da Pinhata
1951			03/02 Baile	04/02 Matinée infantil	05/02 Baile Formal	6/02 Baile	10/02 Baile da Pinhata
1952			23/02 Baile	24/02 Matinée infantil		26/02 Baile	
1953	7/02 Baile		14/02 Baile	15/02 Matinée infantil		17/02 Baile	
1954		21/02 Matinée infantil	27/02 Baile	28/02 Chegada Rei	01/03 Baile	02/03 Baile	
						Cortejo	
1955	12/02 Matinée infantil	13/02 Chegada Rei	19/02 Baile	20/02 Baile	21/02 Baile	22/02 Baile	
				Cortejo		Cortejo	
1956	04/02 Matinée infantil	05/02 Chegada Rei	11/02 Baile	12/02 Cortejo	13/02 Baile	14/02 Baile	
						Cortejo	
1957	23/02 Matinée infantil		02/03 Baile	03/03 Cortejo	04/03 Baile	05/03 Baile	
						Cortejo	
1958	08/02 Matinée infantil		15/02 Baile	16/02 Baile	17/02 Baile	18/02 Baile	
1959			07/02 Baile	08/02 Matinée infantil	09/02 Baile	10/02 Baile	
1960	20/02 Matinée infantil		27/02 Baile		29/02 Baile	01/03 Baile	

Fontes: *Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal*. Porto: CFP, 1950-1960; *O Comércio do Porto*. Porto, 1950-1960.

3. O Carnaval sai à rua: os cortejos que marcaram a cidade (1954-1957)

Realmente, não seria difícil ao Porto restaurar o Carnaval nas ruas, sem nada atentatório dos bons costumes e da moral pública. [...]

Talvez o Clube Fenianos Portuenses fosse o organismo capaz de restaurar, com brilho e com êxito, o Carnaval do Porto, dando à sua cidade a possibilidade de reviver as festas carnavalescas que se impuseram à admiração de nacionais e estrangeiros, ligando, indissolivelmente, o seu nome ao da cidade.⁵¹

E assim foi. Certamente consciente do desânimo que envolvia os folguedos de Terça-Feira Gorda e dos dias precedentes, no ano em que comemorou as suas bodas de ouro, e para assinalar esta data, o clube empregou esforços e retomou a antiga tradição dos cortejos carnavalescos, "feito de audácia, que abriu um novo capítulo na sua já gloriosa história".⁵² Novamente, o Carnaval passava para fora de portas, como continuaria após a retirada dos Fenianos, três anos volvidos, muito embora sem a mesma dimensão.

Mas antes de aí chegarmos, mencionaremos apenas um outro cortejo que ocorreu em fevereiro, embora não diretamente relacionado com o Carnaval. A Federação das Coletividades de Educação, Recreio e Desporto organizou, juntamente com as demais associações da cidade um desfile por várias ruas da cidade em honra dos Fenianos, congratulando-os pelos seus 50 anos de existência e agradecendo-lhes por retomarem o curso carnavalesco, 15 anos após o último – interrompidos "em virtude dos dias dramáticos que se seguiram ocasionados pela segunda Grande Guerra"⁵³. Mais importa referir a presença de várias autoridades que discursaram na sede do clube e que elogiaram a sua ação, referindo-se "à obra cultural realizada pelos Fenianos, classificando-a como uma das mais notáveis, pois abrange todos os aspetos e ramos do saber humano"⁵⁴ e valorizaram o seu importante papel para a cidade e para as outras coletividades, com menos posse do que esta, a quem cediam os seus salões sempre que necessário. Eduardo Ralha, presidente da Assembleia Geral, muito agradeceu o gesto que "transcendeu a craveira de qualquer e banal manifestação de simpatia".⁵⁵ O

⁵¹ "Como decorreram o último dia e a última noite de Carnaval no Porto". *O Comércio do Porto*, 48, 19/02/1953, 2.

⁵² Francisco Guimarães. "A propósito do Carnaval". *O Tripeiro*, 11, 1954, 337.

⁵³ *Circular n.º 3*. Porto: CFP, 1954, p. 1.

⁵⁴ "A homenagem ao Clube Fenianos". *O Comércio do Porto*, 45, 15/02/1954, 4.

⁵⁵ "A homenagem ao Clube Fenianos", 4.

desfile, esse, contou com uma banda, milhares de pessoas e a adesão inesperada de muitas associações não federadas.

Parece-nos importante esta referência porque nos permite transmitir a ideia, se ainda não o havíamos feito até agora, da importância social do clube para a urbe. Podemos igualmente perceber como era importante o Carnaval, tida como uma das duas festas da cidade, a par do São João.

Após esta manifestação de apreço por parte da comunidade, o clube sentiu, com certeza, ainda mais vontade de realizar um cortejo que deixasse orgulhosa a cidade. E conseguiu-o, pelo trabalho da Comissão de Carnaval, encarregue de toda a organização do evento, mesmo sendo alvo de críticas pontuais, nos anos que se seguiram também. Em 1954, optou por fazer apenas um, na Terça-Feira de Carnaval, mas entre 1955 e 1957, visto o sucesso alcançado, o grande curso carnavalesco teve lugar também no Domingo Gordo. Eram dois dias de grande animação no Porto. Mas o que os distinguiu? As fontes respondem: o cortejo de domingo pretendia-se que fosse "um desfile de elegância e distinção participando nele todos os carros alegóricos e grupos folclóricos de categoria"⁵⁶, já o de terça "terá características acentuadamente populares comportando carros humorísticos e grupos humorísticos e ainda formação de grupos folclóricos que encherão as ruas do maior entusiasmo".⁵⁷

Os cortejos contavam com dezenas de carros, alegóricos e de fantasia, que representavam realidades regionais mas também exóticas, e publicitários, os chamados carros-reclame (alguns de propaganda turística, outros de empresas variadas), alguns já motorizados, outros puxados a cavalo, milhares de figurantes, bandas e reputados grupos folclóricos de todo o país e de além-fronteiras, a quem pagavam para virem, uma vez que a sua presença conferia brilhantismo ao evento e atraía espectadores, que se contavam na ordem dos milhares, sem distinção de classes.⁵⁸ Ao longo destes quatro anos, os grupos, nomeadamente estrangeiros, foram mudando e o clube deparou-se com alguns imprevistos, não podendo contar com conjuntos cuja presença tinham inicialmente publicitado, por razões várias (foi o que se passou com a Tuna Universitária Salamantina, em 1957, por exemplo). Porém, em 1954, estiveram presentes o Coral Polifónico Folhas Novas e a Tuna Estudantil de Santiago de Compostela, ambos espanhóis. A estes, em 1955, juntou-se o Grupo Folclórico Bi-Harri, francês. No ano

⁵⁶ "O cortejo dos Fenianos". *O Comércio do Porto*, 37, 07/02/1955, 8.

⁵⁷ "O cortejo dos Fenianos", 8.

⁵⁸ Os entrevistados, quando interrogados sobre a vinda de estrangeiros, responderam que não se apercebiam de tal, que vinham apenas portugueses, embora de outras regiões que não o Porto. Pontualmente, algumas notícias e documentos oficiais do CFP referem, no entanto, o contrário.

seguinte, apenas o já habitual Folhas Novas animou o cortejo e no último um novo e único grupo: Les Échassiers des Landes, também chamado Lous de Bajats, oriundo de França.

Devemos entender que a participação destes grupos, além de engrandecer o espetáculo, tem também outras conotações. Os grupos espanhóis, por exemplo, dirigiam-se habitualmente às sedes do poder da cidade, à Câmara e à Embaixada, e serviam para firmar a amizade e a boa relação existente entre ambos os países ditatoriais, também no plano cultural, em cerimónias emotivas. A escolha dos grupos franceses, por sua vez, torna clara a influência que este país exercia sobre o nosso, como se de um modelo a seguir se tratasse, principalmente pela sua cultura refinada e de bom gosto, burguesa, como os Fenianos pretendiam implementar, numa altura em que a cultura anglo-saxónica era relegada para segundo plano, situação que hoje se inverteu. Através das notícias, demos conta que cursos semelhantes ao "nosso" eram comuns em França, na Alemanha, em Itália e, como não podia deixar de ser, no Brasil. Afinal o objetivo dos Fenianos era organizar "um curso carnavalesco com a exuberância do carioca e a beleza estética do de Veneza".⁵⁹

Os grupos folclóricos nacionais, que afluíam à secretaria do clube para se inscreverem no cortejo, traziam consigo, por sua vez, a tradicionalidade portuguesa, que ademais estava também presente em vários disfarces das crianças que continuavam a encantar nas *matinéés* infantis (vestidos de saloios, pajens, com trajes regionais, mas não só). Quanto a este assunto, voltamos a destacar as determinações do Governo Civil do Porto acerca dos folguedos carnavalescos que, num discurso bem de acordo com o regime de Salazar, demonstram as limitações aos trajes:

Continua a ser proibido: o uso de máscaras, ou caracterizações, a exibição de trajes ou artigos ofensivos da religião, da moral e dos bons costumes; o uso de uniformes iguais ou semelhantes aos da força pública, Mocidade Portuguesa ou Legião Portuguesa; a apresentação de bandeiras nacionais ou estrangeiras e respetivas imitações [...]. São aplicadas multas, pelas contravenções, que podem atingir um máximo de 500\$00.⁶⁰

Na verdade, após a visualização atenta dos vídeos dos cortejos e depois de ler igualmente as descrições pormenorizadas dos jornais, não pudemos identificar grandes críticas ao regime.⁶¹ Claro que devemos ter em conta que tudo era revisto pelos órgãos

⁵⁹ *Os Fenianos*, Clube Fenianos Portuenses.

⁶⁰ "Determinações do Governo Civil do Porto acerca dos folguedos carnavalescos". *O Comércio do Porto*, 56, 26/02/1954, 7.

⁶¹ Apenas no vídeo do Carnaval de 1954, cerca dos 10:30 minutos, pudemos ler no carro dos estudantes "A censura não deixou passar...". Infelizmente, o resto do texto estava ilegível.

de censura mas parece-nos também que, nesta década, ao contrário do seu período inicial, o clube quis respeitar verdadeiramente os seus estatutos e afastar-se das questões políticas. Aliás, todos os entrevistados referiram exatamente não se aperceberem da existência de sátira política, dizendo que nestes dias ninguém pensava nisso. As críticas, quando as havia, eram de âmbito mais regional e não nacional, como refere Germano Silva⁶² – referimo-nos, por exemplo, aos transportes:

Os moradores do populoso lugar do Padrão da Légua, que no ano anterior, com o seu originalíssimo «Carro elétrico», deram ao Cortejo uma nota de fino bom humor, também apareceram este ano, com uma nova variante da espirituosa e sempre oportuna crítica aos... impagáveis Transportes Coletivos do Porto. [...]
O carro de crítica ao estático aeroporto de Pedras Rubras [...].⁶³

Mas se os cortejos marcaram de facto a cidade, cujo Carnaval "andava já tão definhado e maldoente que, só por milagre perdurou"⁶⁴, tal só foi possível com a ajuda dos estabelecimentos comerciais e industriais da cidade, que contribuíam monetariamente para o sucesso do cortejo, ao contrário da Câmara, da qual não temos registos de apoios. Deste modo, no aspeto do financiamento praticamente nada mudou desde os primeiros carnavais fenianos, como explica Sandra Brito num dos seus artigos.⁶⁵ A esmagadora maioria das receitas obtidas para a realização das festas carnavalescas provém do trabalho das comissões de rua⁶⁶, que recolhiam donativos de todos quantos quisessem contribuir. Por isso, registam anualmente o seu agradecimento profundo "Aos Comerciantes, Industriais e às dignas Comissões de Ruas desta Mui Nobre e Invicta Cidade do Porto que tão generosamente contribuíram para a realização do nosso Carnaval".⁶⁷ Contavam, também, com receitas provenientes do aluguer de guarda-roupa, da venda de serpentinas e confettis, considerados produtos civilizados, de espetáculos que faziam com os grupos estrangeiros para angariar fundos, dos carros publicitários, entre outros. Em 1955 e 1956, foram também instaladas bancadas nos Aliados (como já se havia feito no início do século), a 20 escudos o lugar⁶⁸, à frente da tribuna de honra, para que melhor se vissem os grupos a fazer as

⁶² Germano Silva, entrevistado por Ana Rita Ferreira. 22 março 2016.

⁶³ "O segundo Cortejo dos Fenianos foi presenciado por muitos milhares de pessoas". *O Comércio do Porto*, 53, 24/02/1955, 8.

⁶⁴ Jaime Napoleão de Vasconcelos. "O Carnaval no Porto". *O Tripeiro*, 10, 1955, 307.

⁶⁵ Brito, "O carnaval", 328.

⁶⁶ O angariado pelas comissões de rua representou, em 1954, 95,55% do total das receitas, em 1955, 76,88%, no ano seguinte 91,27% e em 1957, 85,91%. Dados obtidos através dos *Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal*. Porto: CFP, 1954-1957.

⁶⁷ *Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal*. Porto: CFP, 1954, 28.

⁶⁸ "O Carnaval dos Fenianos". *O Comércio do Porto*, 33, 03/02/1956, 2.

suas atuações mais prolongadas, o que também constituiu boa parte das receitas destes anos.

No entanto, as despesas eram muitas e variadas, sendo a maior fatia gasta na elaboração dos carros do clube⁶⁹, que contava com a colaboração de prestigiados artistas, nomeadamente Cruz Caldas, vencedor de prémios pelas suas criações originais, seguida pelos gastos com o guarda-roupa (a maior parte dos fatos era feita pelo próprio clube, outros eram alugados à conhecida casa Valverde e outros ainda eram emprestados, por exemplo, a Lisboa, por causa das festas de St.º António) e pela contratação dos grupos folclóricos. Por essa razão, nem sempre as contas foram positivas, como podemos observar no quadro a seguir.

Quadro 2. Contas gerais do Carnaval entre 1954 e 1957

	1954	1955	1956	1957
Receitas	331.423\$40	441.684\$40	305.405\$30	313.278\$40
Despesas	329.296\$70	457.932\$55	312.767\$25	305.021\$85
Saldo	2.126\$70	-16.248\$15	-7.361\$95	8.256\$55

Fonte: *Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal*. Porto: CFP, 1954-1957.

O apoio financeiro dos estabelecimentos portuenses não era, naturalmente, desinteressado. O percurso era feito em função dos mesmos, isto é, o cortejo iria passar pelas principais ruas da cidade e também à porta destas casas. Posto isto, era do interesse do Comércio e da Indústria do Porto a publicidade conseguida com estes festejos, bem como a população que os mesmos atraíam à cidade. Relembremos, aliás, que desde a sua origem, o clube teve sempre o objetivo de contribuir para o desenvolvimento económico da urbe e que o lucro era um dos pilares da sociedade burguesa. Assim, não é de estranhar que algumas casas, entre as quais se destaca a de António Augusto da Silva e C.^a, sempre presente, financiassem igualmente grandes e pomposos carros com o seu nome, "mais um instrumento de confirmação pública do poder económico e social dos que os mandavam construir"⁷⁰, aliás como o eram todos os carros e não apenas os publicitários. Do ponto de vista económico, o Carnaval dos

⁶⁹ As despesas com a elaboração dos carros representaram, em 1954, 40,72%, no ano seguinte, 29,03%, em 1956, 28,32% e no último ano 38,16%. Dados obtidos através dos *Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal*. Porto: CFP, 1954-1957.

⁷⁰ Brito, "O carnaval", 330.

Fenianos teve notórios e positivos efeitos no comércio, restauração, transportes e ocupação hoteleira, pois constituía "um magnífico cartaz de propaganda".⁷¹

Além de Cruz Caldas, já referido, trabalhavam para o sucesso do cortejo outros artistas, entres eles Alberto Lobo, responsável pelo estaleiro em Guimarães⁷², onde já se festejavam as gualterianas, que contava, como

os outros, com um grande número de trabalhadores especializados (remunerados e voluntários, dependia), e que em 1954 desenhou o carro dos Reis do Carnaval, dirigindo-se, para esse efeito, várias vezes a Lisboa, ao Museu dos Coches. Este era um dos carros que mais curiosidade despertava, juntamente com o carro da Cidade (em que se prestava homenagem ao Comércio e à Indústria da cidade do trabalho), pelo que se justifica o empenho do seu criador. Estes abriam normalmente o cortejo, juntamente com a Cavalgada de Honra, dirigida pelo capitão Frazão, do Centro de Hipismo da Mocidade Portuguesa. Na verdade, todo o cortejo era profundamente escrutinado, as maquetes dos carros eram aprovadas de antemão e os materiais usados, tanto na construção destes como na feitura dos figurinos, eram de grande luxo – referimo-nos até à seda e ao veludo –, como relatam os redatores de *O Comércio do Porto*⁷³, que acompanharam os preparativos do Carnaval dos Fenianos sempre ao pormenor, dirigindo-se tanto aos estaleiros como aos ateliers e que, por essa razão, nos deram informações preciosas.

Os Reis do Carnaval eram uma importante parte do sucesso da festa. Apercebemo-nos, através da análise das fontes, que era criado todo um imaginário carnavalesco que contribuía para envolver a população nos preparativos e aumentar as expectativas e o interesse de todos. As personagens eram verdadeiramente encarnadas por membros do clube, nomeadamente da sua direção, que "partiam" de reinos

Imagem 5. Carro da firma de António Augusto da Silva e C.^a



Fonte: "Carro de Augusto da Silva". Porto: Acervo fotográfico particular de Carlos Mourato, c. 1955.

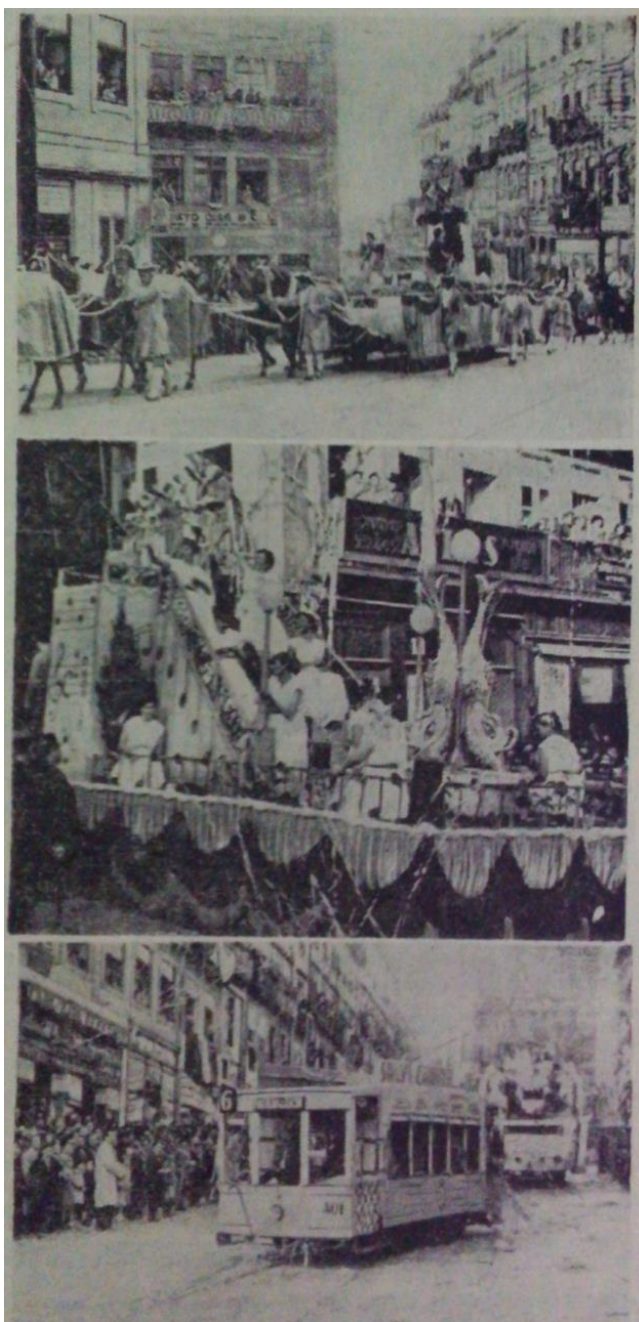
⁷¹ "O Carnaval dos Fenianos". *O Comércio do Porto*, 40, 10/02/1956, 8.

⁷² Além dos que existiam nos arredores da cidade, havia estaleiros em Guimarães e em Felgueiras, onde estava o artista Constantino Lira, em 1954.

⁷³ "Uma centena de carros no Cortejo do Carnaval dos Fenianos". *O Comércio do Porto*, 48, 18/02/1954, 4.

inventados (como a Fenianolândia, por exemplo) e chegavam triunfalmente algum tempo antes do primeiro curso, a pontos-chave da cidade, como à Estação de São Bento, cercados da sua corte: outros membros que vestiam a pele de ministros, embaixadores e comissários, prontos a ser recebidos pelas gentes portuenses que os aguardavam ansiosamente. Logo na receção ao Rei Carnaval, que em 1957 excepcionalmente não se realizou, fazia-se um mini cortejo, com bandas e grupos de animação com palhaços e cabeçudos, por exemplo, que terminava nos Fenianos, onde Suas Majestades repousariam até ao grande cortejo. Aí, da varanda do clube, virado para o seu povo, o Rei, ele mesmo ou pela pessoa dos seus ministros, saudava a população, que se contava na ordem dos milhares, e proclamava as suas ordens, muitas vezes em verso, sempre em tom de brincadeira e por vezes com alguma crítica subjacente:

Imagem 6. Aspetos do cortejo de 1954



Fonte: "Alguns aspetos do cortejo de terça-feira". *O Comércio do Porto*, 61, 04/03/1954, 3.

REAL! REAL! REAL!:

Por sua Majestade Sétima El-Rei Carnaval!

Para que todos saibam, obedeçam e cumpram Eu, Rei Carnaval sétimo decreto, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.^o – Todo o bom Tripeiro deve ser sócio do Clube Fenianos.

Artigo 2.^o – Todo o bom nortenho deve contribuir para o Carnaval dos Fenianos.

Artigo 3.º – O dia 2 de março de 1954 será feriado interno, externo e internacional com proibição de trabalhar para toda a gente, mesmo para os que estiverem em greve.
Parágrafo único – Excetuam-se os Ministros dos Negócios excêntricos da conferência da Berlinda, pois esses propiciam-nos um Carnaval o ano inteiro.⁷⁴

Para os receber, pedia-se "ao povo do Porto que preste as suas homenagens às reais pessoas, engalanando as janelas e fachadas e vitoriando tão elevadas pessoas, que durante dez dias serão hóspedes da nossa cidade".⁷⁵

Na criação desta envolvência de festa, tomava também parte a propaganda feniana. Eram distribuídos gratuitamente por toda a Península Ibérica (às vezes referem também

França) vários folhetos originais (de alguns eram impressos 10 mil exemplares), com desenhos, mais uma vez, de artistas como Mário Norton e António Pedro, onde vinham representadas todas as firmas que contribuíram para o sucesso dos cortejos e onde se contava em tom laudatório a história e os feitos do clube, bem como cartazes apelativos e coloridos. Mas não só. Outra importante iniciativa do clube era o Concurso de Montras e Fachadas⁷⁶, ao estilo do SNI. Neste podiam inscrever-se os estabelecimentos portuenses que o desejassem, sendo depois avaliados por um júri imparcial que concedia prémios aos melhores. Claro está que a decoração das montras e fachadas da cidade contribuía para aumentar a espetacularidade e beleza do cortejo e que a existência de prémios (também para os carros) motivava o empenho e a dedicação dos concorrentes.

Apesar do sucesso geral do Carnaval dos Fenianos, mérito de todos quantos para ele contribuíram com o seu donativo, trabalho, participação ou entusiasmo, a iniciativa iria, novamente, revelar-se efémera. Vejamos o que se passou a partir de 1958.

Imagem 7. Chegada dos Reis do Carnaval



Fonte: "Reis do Carnaval de 1956". Porto: Acervo fotográfico particular de Carlos Mourato, 1956.

⁷⁴ Excerto da proclamação real de Sua Majestade, o Rei Carnaval. *Carnaval dos Fenianos 1954: receção ao Rei Carnaval*. Porto: CFP, 1954.

⁷⁵ "O cortejo dos Fenianos". *O Comércio do Porto*, 39, 09/02/1955, 7.

⁷⁶ O cortejo servia de pretexto a outras iniciativas: todos os anos se realizava a exposição dos trajes nos salões dos Fenianos, mostrando o que de melhor faziam. Em 1956, por exemplo, também a Comissão de Fotografia e Cinema abriu um concurso para as melhores fotos amadoras do mesmo. "O Carnaval dos Fenianos". *O Comércio do Porto*, 39, 09/02/1956, 5.

4. O retorno para dentro de portas e o declínio do Carnaval portuense (1958-1960)

Nos anos de 1954 a 1957, porém, com o auxílio do Comércio e da Indústria, de novo tornou a sair para a rua um aparatoso cortejo, que, embora despido do seu antigo fulgor, ainda mereceu, no entanto, o louvor geral da população portuense. Pena foi – é mesmo de lamentar – que este belíssimo número das festas de Carnaval, tivesse sido, este ano, novamente interrompido.⁷⁷

Em 1957, o cortejo de terça-feira não pôde sair, em virtude do temporal que se fez sentir, o que se refletiu em pesados prejuízos para o clube, agravados pelo facto de as condições meteorológicas nem sequer permitirem o trabalho das comissões de rua. Se o saldo foi positivo⁷⁸ foi devido aos abonos da Comissão de Carnaval, que contribuiu com 29.500\$00, situação única nos anos em análise. Caso contrário, o prejuízo teria sido de 21.243\$45, a soma mais avultada de todos os anos.⁷⁹ Se *O Comércio do Porto* é bastante vago, referindo que "por motivos vários, os Fenianos não organizam, este ano, o seu cortejo carnavalesco [...]. Tal ausência é de lamentar, muito embora a entidade em referência possa ter as suas razões para proceder assim"⁸⁰, ao analisarmos o relatório de contas do mesmo ano, só podemos deduzir que o motivo desta mudança será de cariz económico:

Por este Relatório de conteúdo modesto, se exprime e desenvolve uma obra que também foi modesta, obra que ficou aquém do muito que desejávamos e podíamos realizar. Mas, as dificuldades da hora presente que não são só nossas, mas de todos, marcaram-nos uma orientação cautelosa, que tomou mais em conta a valorização e conservação do património do que efetuar atividades de dispêndio certo.⁸¹

Assim, a partir de 1958, o Carnaval dos Fenianos voltará para dentro de portas, seguindo um plano muito similar ao dos anos iniciais, cingindo-se as suas atividades aos habituais bailes e às concorridas *matinéés* infantis, onde "independentemente de classes ou categoriais sociais [as crianças] se irmanaram em fraterna e agradável convivência, que a todas, por certo, deixou perdurável recordação".⁸²

Porém, os festejos não saíram da rua. Neste ano e nos seguintes, Arnaldo Moreira da Rocha Brito, empresário dos Teatros de Sá da Bandeira e do Coliseu do

⁷⁷ Marçal, "A Praça da Batalha", 301.

⁷⁸ Ver quadro 2.

⁷⁹ *Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal*. Porto: CFP, 1957.

⁸⁰ "Um cortejo carnavalesco no Porto". *O Comércio do Porto*, 43, 13/02/1958, 5.

⁸¹ *Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal*. Porto: CFP, 1958, 7.

⁸² "Decorreu muito animada e com invulgar afluência, a "Tarde infantil" de ontem, no Clube Fenianos Portuenses". *O Comércio do Porto*, 39, 09/02/1958, 10.

Porto e ainda dono da garagem Passos Manuel⁸³, "sempre pronto a colaborar em todas as iniciativas úteis à cidade"⁸⁴, juntamente com o empresário circense Juan Carcellé, que em 1956 criou o Festival Mundial de Circo⁸⁵, assegurou que continuaria a passar um curso pelas ruas do Porto. Este cortejo, "embora sem a mesma amplitude, não deixaria de constituir também, espetáculo atraente, desde que fosse posta em atividade iniciativa igualmente capaz de despertar a curiosidade do público"⁸⁶ e realizar-se-ia, agora, domingo de manhã. Porém, era muito diferente dos anteriores, uma vez que contava com a participação da já referida

Imagem 8. Rocha Brito saúda a multidão



Fonte: "No Porto". *O Comércio do Porto*, 39, 09/02/1959, 5.

companhia circense, que se encontrava em exibição no Palácio de Cristal na mesma altura, e dos seus animais exóticos (como elefantes e leopardos). Além disso, a sua dimensão era mais reduzida: de dezenas de carros, passamos para três em 1958, um para a Rainha do Festival Mundial de Circo, e outros dois para a companhia; de mais de mil figurantes passamos para poucos mais de cinquenta, neste mesmo ano. Ainda assim, Rocha Brito estava determinado a dar um bom cortejo carnavalesco à cidade, convidando as sociedades de recreio e os grupos folclóricos a participarem, tendo, para isso, que se inscrever previamente. Os prémios manter-se-iam como forma de estímulo. Este novo cortejo continuava a ser benéfico para o Porto, trazendo muitos forasteiros à cidade e contando com milhares de espectadores e, por isso, o apoio do Comércio e da Indústria manteve-se. Nestes, Rocha Brito e Carcellé participavam triunfantes sem máscara em carro aberto, numa clara demonstração de poder. Nos anos seguintes,

⁸³ "Empresário do Teatro de Sá da Bandeira e Coliseu do Porto, visto por Cruz Caldas". Porto: AHMP, TG-c/377(142).

⁸⁴ "Um cortejo carnavalesco no Porto", 5.

⁸⁵ Genís Matabosch, "Juan M. Carcellé, vida de un gran empresario", *Infocirco*.

⁸⁶ "Um cortejo carnavalesco no Porto", 5.

deram-se algumas melhorias: contaram-se mais carros e maior participação dos grupos folclóricos. A ação destes empresários é constantemente louvada, pois são eles os responsáveis pelo único apontamento carnavalesco destes dias. Não obstante, apesar dos esforços, nunca este curso conseguiu superar os dos Fenianos, nem entronizar de novo o Rei Momo. Os redatores de *O Comércio do Porto* escrevem a propósito do cortejo do Carnaval italiano:

Entre nós, infelizmente, o Carnaval, após uns anos de euforia, graças aos meritórios esforços e ao bairrismo exemplar do Clube Fenianos Portuenses, voltou ao que era antes desses anos de euforia, isto é... a nada... Quando, por todo esse Mundo, se continua a celebrar, festivamente, o Carnaval, porque se regressou, nesta cidade, a um marasmo que nos envergonha?⁸⁷

De facto, as lamentações e críticas tornam a repetir-se e parece que voltámos aos primeiros anos da década – situação que podemos verificar também nas caricaturas (atente-se, aliás, nas semelhanças entre as imagens 2 e 9).

Deste modo, resta apenas fazer um apontamento para o Carnaval de Ovar. Devemos, antes de mais, referir que a relação entre o clube e Ovar foi sempre de grande cordialidade, com participações mútuas nos respetivos cortejos. Quando tal não acontecia, a falta era imediatamente sentida, pois a amizade era grande. Mesmo em 1958, quando os Fenianos já não fizeram as grandes celebrações dos anos anteriores, fizeram-se representar em Ovar e eles marcaram também presença na

Imagem 9. O Porto chora a morte do antigo Carnaval



Fonte: *O Comércio do Porto*, 38, 08/02/1959, 1.

⁸⁷ "O Carnaval já começou em Itália". *O Comércio do Porto*, 28, 29/02/1959, 1.

Invicta com um carro que desfilou na Terça-Feira Gorda.⁸⁸ Este Carnaval, com grande tradição e tido já há bastantes anos como um dos melhores, foi neste período ganhando mais e mais relevo nas notícias de *O Comércio do Porto*. Até aqui, numa primeira fase, os festejos portuenses tinham igual destaque entre si e havia pequenos recortes sobre outras localidades próximas, depois, as notícias sobre os Fenianos começaram a estar presentes em maior número e em muito maior dimensão, mas agora, a partir de 1958, é o Carnaval de Ovar que merece os maiores textos. Desta feita, não será exagerado dizer que no final da década o Carnaval portuense entra definitivamente em declínio para deixar de dividir atenções com um outro que lhe é próximo e que se afirmará, até hoje, como o mais famoso da região: o Carnaval de Ovar.

Considerações finais

Terminado o trabalho, impõem-se algumas considerações finais. O Carnaval no Porto nos anos 1950 passou por diferentes fases mas foi em meados da década que se revestiu de maior espetacularidade, dignificando a cidade, cujos festejos quase igualaram os tão afamados cortejos do início da centúria. O Clube Fenianos Portuenses teve um papel de destaque nesta evolução, sendo o principal responsável pela saída dos festejos para a rua, em 1954, ano em que comemorou as suas bodas de ouro. Infelizmente, como já se havia passado aquando da primeira tentativa de implementar na cidade do Porto um Carnaval verdadeiramente elegante e regrado, de acordo com o que se passava além-fronteiras, esta iniciativa revelou-se, novamente, efémera, terminando logo em 1957. Ainda assim, não deixou de se revestir de grande importância, pois contribuiu não só para o desenvolvimento económico da cidade, através dos setores do comércio, indústria, restauração, transportes e hotelaria, mas também para uma certa elevação do espírito do povo portuense, que andava, no primeiro período em estudo, bastante desanimado e resignado com o seu Carnaval decadente, como pudemos constatar ao longo do artigo. Finalmente, registámos um retrocesso do paradigma nos anos finais da década, repetindo-se tanto a programação do clube como o sentimento de desilusão geral, apesar dos esforços meritórios empreendidos por Rocha Brito e Juan Carcellé para oferecer um curso à cidade e, deste modo, não deixar o Carnaval passar em branco.

⁸⁸ "O Carnaval". *O Comércio do Porto*, 49, 20/02/1958, 5.

Concluimos também que jamais seria possível organizar um evento desta magnitude sem o apoio financeiro e o empenho de toda a cidade, dos sócios do clube, dos comerciantes e industriais, principalmente. Assim, o Carnaval dos Fenianos, foi, na verdade, o Carnaval de toda a gente e o Carnaval do Porto, embora sob a organização e experiência do clube.

Entendemos ainda que este Carnaval é o oposto do tradicional Entrudo português, de origens pagãs, desorganizado e caótico, e que, mais, pretende acabar com ele, substituindo-o por um modelo importado, inspirado na Europa de além-Pirenéus, construído sob o signo dos valores burgueses que o clube veiculava (nomeadamente lucro e poder) e que pretende transmitir uma ideia de civilização em alguns aspetos forçada e plástica, pois não correspondia ainda à realidade portuguesa. Talvez tenha sido esta uma das razões pelas quais o Carnaval não vingou: uma certa antecipação face ao contexto da cidade que não era de todo igual ao das metrópoles europeias onde este género de festejo já quase era banal. A maioria da população não estaria ainda sensibilizada para este tipo de manifestação de cultura, o que, provavelmente, se terá refletido negativamente também nos apoios financeiros de que o clube necessitava para organizar um evento de tal magnitude. Claro fica que o aspeto financeiro terá sido, no entanto, a principal causa do insucesso deste projeto.

A breve comparação com a dissertação de Sandra Brito que fomos fazendo ao longo do texto para as diferentes problemáticas, sempre que era possível e pertinente, revelou-nos que não houve diferenças de maior entre os dois períodos, muito embora os separe um intervalo de quase 50 anos. As motivações são as mesmas, a composição do cortejo em si é similar, os apoios não se modificam grandemente. Mesmo as críticas à decadência do Carnaval que se ouvem em meados do século são as que já se ouviam nos finais do século XIX. Claro que os primeiros cursos continuam a ser sempre referenciados como os melhores, o que é natural, pois marcaram pela diferença e originalidade numa época em que não se esperava algo daquela magnitude. Há uma diferença sim na posição política do clube: se na sua origem se revelou uma associação do contrapoder, de feições republicanas em tempos monárquicos, no período em estudo não deixou transparecer convicções políticas de maior, como aliás, estava previsto nos seus estatutos desde o início, colaborando até com instituições do regime salazarista (Mocidade Portuguesa).

Não nos foi possível, no entanto, fazer tudo aquilo que a extensa documentação disponível merecia, por razões de ordem muito prática, que se prendem com o tempo e com a dimensão do trabalho em causa. Por essa razão, deixamos a sugestão, para

futuros trabalhos, de analisar mais intensivamente a composição dos cursos e o significado dos carros, tanto através das notícias, como dos vídeos disponíveis, aspeto que gostaríamos de ter estudado em maior profundidade mas que acabou por ficar aquém. Será também muito interessante desconstruir as caricaturas do Carnaval, em número razoável, e relacioná-las com o contexto internacional que criticam, o que não fizemos por esse não constituir um dos nossos objetivos. Alargando ainda o objeto do estudo, estudando toda a ação da agremiação na década e não apenas a vertente carnavalesca, há material suficiente, que tivemos obrigatoriamente que deixar de parte, para a realização de uma dissertação de mestrado e, assim, aos poucos, ir construindo a história centenária do clube. Por outro lado, era também um tema interessante estudar o Carnaval portuense no seu todo, não só do ponto de vista dos Fenianos. Assim, são estas apenas algumas referências entre muitas outras que com certeza surgirão com o tempo e com a leitura mais distanciada, questões que ficam em aberto para trabalhos futuros e que com certeza se traduzirão em resultados profícuos para uma área da historiografia ainda pouco desenvolvida.

Fontes

Fontes hemerográficas

Guimarães, Francisco. "A propósito do Carnaval". *O Tripeiro*. Porto, 11, 1954, 336-338.

Marçal, Horácio. "A Praça da Batalha II (Conclusão)". *O Tripeiro*. Porto, 10, 1958, 300-301.

O Comércio do Porto. Porto, 1950-1960.

"Pelo Porto: Fundou-se há 50 anos o Clube Fenianos Portuenses". *O Tripeiro*. Porto, 10, 1954, 343-344.

Vasconcelos, Jaime Napoleão de. "O Carnaval no Porto". *O Tripeiro*. Porto, 10, 1955, 306-307.

Fontes impressas

Carnaval dos Fenianos 1954: recepção ao Rei Carnaval. [Folheto]. Porto: CFP, 1954.

Carnaval dos Fenianos. [Folheto]. Porto: CFP, 1955.

Circular n.º 3. Porto: CFP, 1954.

Circular n.º 7. Porto: CFP, 1956.

Circular n.º 8. Porto: CFP, 1957.

Marcha do Carnaval dos Fenianos de 1955. [Folheto]. Porto: CFP, 1955.

Marques, A. Esteves; Norton, Mário. *Carnaval dos Fenianos de 1954*. [Folheto]. Porto: CFP, 1954.

Norton, Mário. *Carnaval no Porto*. [Folheto]. Porto: Oficinas de Publicidade Técnica e Artística, 1955.

Relatórios, contas e parecer do conselho fiscal. Porto: CFP, 1950-1960.

Tavares, Acácio. *O Clube Fenianos Portuenses e a sua obra – Conferência realizada no Clube Fenianos Portuenses, em 18 de Março de 1968 e integrada no ciclo comemorativo do 64.º aniversário do Clube*. Porto: Liga Portuguesa de Profilaxia Social, 1970.

Fontes orais

Carlos Mourato, entrevistado por Ana Rita Ferreira. 29 fevereiro 2016.

Francelina Lisboa Rios, entrevistada por Ana Rita Ferreira. 5 março 2016.

Germano Silva, entrevistado por Ana Rita Ferreira. 22 março 2016.

Judite Francesco, entrevistada por Ana Rita Ferreira. 29 fevereiro 2016.

Fontes iconográficas

- "Carnaval de 1905: edifício do Clube Fenianos e Teatro Águia d'Ouro". Porto: BPMP, D-PST/471, Série "Carnaval de 1905", 1. Disponível em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/51892/?q=fenianos>. Consultado em 06/05/2016.
- "Carnaval dos Fenianos". [Cartaz]. Porto: CFP, 1955-1956.
- "Criança vestida com traje de cigana". Porto: Acervo fotográfico particular de Sara Francesco, c. 1956.
- "Carro de Augusto da Silva". Porto: Acervo fotográfico particular de Carlos Mourato, c. 1955.
- "Empresário do Teatro de Sá da Bandeira e Coliseu do Porto, visto por Cruz Caldas". Porto: AHMP, TG-c/377(142). Disponível em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/422450/?>. Consultado em 24/05/2016.
- "Reis do Carnaval de 1955". Porto: Acervo fotográfico particular de Carlos Mourato, 1955.
- "Reis do Carnaval de 1956". Porto: Acervo fotográfico particular de Carlos Mourato, 1956.

Fontes multimédia

- Carnaval dos Fenianos*. [Suporte vídeo]. Porto: CFP, 1954-1957.

Bibliografia

- Brito, Sandra. "O carnaval e o mundo burguês". *Revista da Faculdade de Letras – História*, 3.^a série, 6 (2005): 313-338.
- "Associativismo recreativo-cultural: sentidos de uma prática: o Clube Fenianos Portuenses". *Revista da Faculdade de Letras – História*, 3.^a série, 5 (2004): 75-100.
- *Clube Fenianos Portuenses: um projeto de civilização, uma busca de projecção*. [Dissertação de mestrado]. Universidade do Porto, 2003. 2 vol.
- Caro Baroja, Julio. *El Carnaval. Análisis histórico-cultural*. Madrid: Taurus Ediciones, 1965.
- Correia, João de Araújo. "Carnaval dos Fenianos". *O Porto do meu tempo*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2007, 41-46.

- Guichard, François, "O Porto no século XX", Luís A. de Oliveira Ramos (dir.), *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 2000, 522-637.
- Heers, Jacques. *Fêtes des fous et Carnavals*. Paris: Fayard, 1983.
- Lopes, Aurélio. *A Face do Caos. Ritos de subversão na tradição portuguesa*. Alpiarça: Garrido Artes Gráficas, 2000.
- Oliveira, Ernesto Veiga de. *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.
- Queiroz, Maria Isaura Pereira de, "O Entrudo, antigo Carnaval português", Maria Luísa Braga et al. (coord.), *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia/INIC, 1989, 639-650.
- Rosas, Fernando (coord.), "O Estado Novo (1926-1974)", José Mattoso (dir.), *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, vol. VII.
- "Portugal e o Estado Novo (1930-1960)", A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão (dir.), *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1992, vol. XII.

Webgrafia

- Carnaval*. Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/carnaval>. Consultado em 18/05/2016.
- "Clube Fenianos Portuenses: Uma instituição de respeito que, em renascimento, prepara-se para fazer reviver o melhor do seu passado...". *Etc e Tal*, 01/03/2013. Disponível em: <http://etcetaljornal.pt/j/2013/03/clube-fenianos-portuenses-uma-instituicao-de-respeito-que-em-renascimento-prepara-se-para-fazer-reviver-o-melhor-do-seu-passado/>. Consultado em 06/05/2016.
- Matabosch, Genís. "Juan M. Carcellé, vida de un gran empresario". *Infocirco*. Disponível em: <http://www.infocirco.com/articulo.php?id=44>. Consultado em 24/05/2016.
- Os *Fenianos*. Clube Fenianos Portuenses. Disponível em: <http://www.clubefenianos.pt/#/quemsomos>. Consultado em 06/05/2016.